

DEPÓSITO LEGAL

# MARIA RITA

SEMANARIO

MEMORIALISTICO

Associação literária de

ARHALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO PEREIRA OCTAVIO SÉRGIO



## A semana do livro



O MERCEEIRO — Então vocemecê, em vez de dinheiro, traz-me o “livro”?  
A MULHER — Olha o milagre! Não vê que estamos na semana dêle?

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

**Continente e Ilhas**

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

**Colónias**

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

**Estrangeiro**

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

## LIVRARIA

# FERNANDO MACHADO & C.<sup>A</sup>, L.<sup>DA</sup>

RUA DAS CARMELITAS, 15

PÔRTO

## SEMANA DO LIVRO

STAND N.º 12

V. Ex.<sup>ª</sup> encontrará livros em todos os géneros, desde o simples romance às melhores obras dos nossos clássicos, esplendidamente encadernadas e com excepcionais abatimentos.

A Livraria Tavares Martins  
expõe no STAND n.º 15 da  
"Semana do Livro" obras de:

Fialho de Almeida, Brito Camacho,  
Sousa Costa, António Ferro, Fer-  
reira de Castro, Alexandre Dumas,  
Ponson du Terrail, Vítor Hugo, Paul  
Bourget, Henry Ardel, Delly, Ma-  
ryan, etc., etc.

As melhores obras dos melhores autores

O maior êxito do seu "stand":  
Palavras Cínicas e Ceia dos Cardeais

Livraria TAVARES MARTINS

12, Rua dos Clerigos, 14 — PORTO

TELEFONE, 2459

## No STAND n.º 1

(COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA)

vendem-se obras de todos os escrito-  
res, estando largamente representados:

Bruno — Camilo — Alberto Pimentel  
— Ramalho Ortigão — Corrêa de Oli-  
veira — Teixeira de Pascoais — Eugé-  
nio de Castro — Teófilo Braga — Júlio  
Diniz — Visconde Vila Moura — Duarte  
Lima — Faria Machado — Alexandre  
Malheiro — Wenceslau de Moraes —  
Antero de Quental, etc., etc.

DA COLEÇÃO DE HOJE

Acaba de sair

## O PRAZER DO PERIGO

de ALBERTO INSÚA

Tradução do Dr. Campos Monteiro

É neste livro que o insigne romancista de *O Prelo*  
que tinha a *alma branca* melhor revela as suas admi-  
ráveis qualidades de observador e de estilista.

Escrito numa forma carinhosamente trabalhada,  
que lembra por vezes a de Eça de Queiroz, *O prazer*  
do perigo apresenta-nos o estudo psicológico de uma  
mulher sem senso moral, que o autor começa a dese-  
nhar-nos em plena infância, na ilha de Cuba, até ao  
desabrochar da sua radiosa juventude em Paris.

«Por onde esta mulher passa, passa a morte» —  
tal o comentário de uma sua amiga. E é assim. O dese-  
quilíbrio moral de Concha Blanco semeia desgraças à  
sua volta. E as tragédias que provoca deixam-na indi-  
ferente, reavivando-lhe mais a sua aspiração de gozar  
bem a vida...

Grande sucesso da SEMANA DO LIVRO

STAND N.ºS 3 E 16



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Na verdade, o meu artigo de hoje é tudo quanto há de mais anacrónico. De caneta suspensa e pupilas no vago à procura de um assunto, caem-me os olhos, súbitamente, no calendário de parede. Leio: «S. Jacob, eremita». Desentrola-se-me na mente a vida de esta interessante personagem. E penso: se eu falasse aos meus leitores, de esta curiosa figura de homem e de santo?

Na *Maria Rita*? Porque não? Trata-se de uma fôlha *humorística*, é certo, mas também de *bons costumes*. No capítulo «fôlha corrida» nunca a nossa padroeira, nem o nosso semanário, tiveram nada que se lhes diga. Já o mesmo não aconteceu a S. Jacob, — e mais foi santo.

Como S. Francisco de Assis, Santo Agostinho, e muitos outros bem-aventurados, Jacob principiou por ser um grande pândego. É certo que nunca frequentou *clubs* nem *bars elegantes*. Mas, desde que um sócio da Academia das



Ciências me garantiu não haver certeza completa da existência de êsses lugares de perdição em tão recuados tempos, eu assentei em que aquela circunstância por forma alguma invalida a crónica escandalosa da sua juventude.

Ora, certo dia, pondo-se a meditar na miséria e na inanidade da vida que levava, Jacob deliberou arrear caminho e foi morar para uma gruta às portas de certa cidade fenícia. Ali passou quinze anos, orando, jejuando e mortificando-se quotidianamente, já com a leitura dos artigos de fundo dos jornais da terra, já com a audição de todas as conferências que na cidade se faziam. Tinha levado consigo a sua enorme fortuna, que êle tencionava distribuir pelos pobres. Mas não foi preciso. Ao cabo de dois anos de festas da flor, do cravo, da medalhinha, do capacete e não sei que mais emblemas, Jacob encontrava-se sem um ceitel e à espera de que lhe fizessem, enfim, uma festa para êle.

Mas êsse dia nunca chegou. O que chegou foi uma mulher esplêndida, enviada pelo Demônio para tentar o eremita. Era de noite, e quando Jacob, tendo aberto a porta, deu de cara com a

formosa criatura, fechou de rijo o batente, refugiando para o interior da cela. Tornou ela a trupir fortemente, com a insistência de um lavrador duriense à porta da Comissão Vinícola. Jacob, porém, fêz ouvidos de mercador, até à altura em



que a visitante, dizendo-se perdida em meio do temporal, convenceu o santo a facultar-lhe a entrada.

Baldado estratagema! Jacob recolheu-a, deu-lhe pão, deu-lhe água, deu-lhe cama num aposento ao lado... e deu-lhe depois as boas-noites, retirando-se para outra quadra. Mas não desanimam facilmente as mulheres apostadas em perderem os homens. A infame, mal viu o hospedeiro retirar-se, desatou a soltar altos gritos, queixando-se de violenta dor no peito. Voltou o santo, para lhe oferecer um bálsamo de sua preparação, infalível em tais casos. Que fomentasse com êle a parte dorida, — aconselhou. E a desavergonhada:

— Não posso mexer um dedo, quanto mais um braço. Se o senhor Jacob quisesse ter a bondade de proceder a essa operação...

Jacob ergueu os olhos ao céu, impetrando coragem, enquanto a impudica desapertava a camisa. Depois, encheu de bálsamo a palma da mão direita, e deu início à fricção terapêutica. Tremiam-lhe os dedos, os lábios, — todo êle tremia, numa comoção que já não sentia há quinze



anos. Viu-se perdido. Mas estava ali ao lado a fogueira em que aquecera o medicamento. Meteu a mão esquerda entre as chamas. E enquanto a direita esfregava, esfregava, a outra ardia, ardia...

De aí a meia hora, quando o Diabo, ansioso por saber o que se passava, assomou o rosto rubro dentro da caverna, em vez do cheiro a carne pecaminosa que êle esperava, encontrou um cheiro forte a carne assada. Jacob estava maneta. Mas vencera.

Não obstante, para se castigar de aquele minuto de tentação, deliberou nunca mais comer senão ervas cruas. Passou vinte-e-cinco anos neste regime, de que os samaritanos troçavam, mas que o meu ilustre colega Dr. Amílcar de Sousa havia de rehabilitar mais tarde. Corria longe já a sua fama de santo e de implacável adversário do Maligno. Certo dia, um ricaço das redondezas, que tinha uma filha possuída dos espíritos maus, trouxe-lha, para que Jacob os expulsasse, — e deixou-lha ficar na caverna, como se se tratasse de uma casa de saúde. Ignoró se a rapariga tinha com efeito tantos diabos no corpo. O que todos os cronistas confessam é que ela era linda como todos os demônios. Mais ainda



que a de vinte-e-cinco anos antes. Jacob era já velho, mas parece que a dieta vegetariana lhe tinha tonificado o organismo físico em detrimento da alma. Ou talvez o santo achasse demasiado perder a mão que lhe restava. O certo é que, quando o samaritano veio buscar a filha, teve o desgosto de encontrar um neto.

Ah! Meus amigos! Como eu invejo êste extraordinário Jacob! Por ter tido, aos quarenta anos, a força de queimar uma das mãos? Por ter tido, aos setenta, a fraqueza de não queimar a outra?

Nada disso. — Por possuir um estômago que, em semelhante idade, digeriria ervas cruas, enquanto que eu, muito mais novo, estou a escrever êste artigo tendo ao lado uma rodela de bife e duas colheres de arroz, — todo o meu jantar!

Marcial JORDÃO.



# NAS BOCAS DO MUNDO

## O Congresso Radiófilo

Conforme estava anunciado, reuniu com qualquer número na passada quinta-feira, a Assembleia Geral preparatória das teses a apresentar ao

### 1.º Congresso de Radiotelegrafia

pela nossa MARIA RITA.

Destá vez tomou a presidência, à falta de melhor, o radiófilo por simpatia senhor Heitor de Campos Monteiro, que abriu assim a sessão: Meus senhores... e tenho muita pena de não dizer *senhoras* porque não está aqui nenhuma!... (o Fernando Ferreira, do Chiadinho, começou a chorar).

A sessão de hoje resume-se na apresentação de teses radiófilas. Para isso vou convidar a secretariar-me os srs.: Moisés e Domingos Ferreira, e assim tenho a certeza de ficar entre a justiça e o direito.

*A assembleia dispensa uma enorme salva, que o sr. Presidente pede para ser deposta no túmulo do primeiro mártir radiofónico.*

*O sr. Presidente.* E agora que a Mesa está posta, vamos começar a ler os títulos das teses e os nomes dos apresentantes. O primeiro secretário fará o favor de ler.

*O sr. Domingos Ferreira depois de perguntar ao sr. Moisés se estará dentro da ordem da noite, dá a nota abaixo à distinta assembleia, pedindo desculpa da falta de ordem alfabética.*

*Do sr. Vitor França:* uma tese subordinada ao sugestivo título de: a influência das ondas na subida e na descida dos cafés brasileiros.

*(Na sala davam-se vivas à Cristina).*

*Do sr. Calheiros Lobo (o do meio porque éles são três).*

A influência rádio-activa na forma de fazer uma revista sem pornografia, ou da melhor maneira de andar em cabelo pela rua.

*Do sr. Francisco Bravo e Côrte Real* — A propagação do éter sulfúrico sobre as pilhas de sal azedas.

*Do grande Mário Figueirinhas:* a defesa dos ruídos durante o chá das cinco.

*Dos srs. Henrique de Aguiar (pai e filho)* — uma tese-horário com os respectivos documentos.

*Do Dr. Campos Monteiro (pai)* — Estudo humorístico sobre o comprimento das ondas no Vaticano. Das curtas às incomensuráveis, passando pelas do meio.

*Do Dr. Amílcar de Sousa* — A influência do rádio sobre a criação de bichos nas árvores frutíferas.

*Do sr. Júlio Silva* — A colocação duma lâpide na Rua de Liceiras, em sinal de benemerência radiofónica.

*Dos srs. António Rodrigues e Arsénio de Sousa* — Uma tese versando a conjugação de esforços rádio-hospitalares. A diferença que há entre as válvulas dos automóveis e dos aparelhos R. C. A. (Recebem com alma... quando lhes pagam).

*Do sr. Carlos Lelo* — A tese: a radiação dos Vinhos Borges & Irmão — A sombra indica. No Bar Borges há-de tudo até de três coroas.

*Do sr. Domingos Ferreira* — As leis da estratosfera e do éter devem reger-se pelas leis associativas.

*Do sr. Moisés* — Faça minhas as palavras do orador antecedente.

*Do Dr. Melo e Alvim* — A dificuldade de fazer um comentário aos dias que o não tem: Todos os dias são dias, mas há também dias incommutáveis.

*Do sr. José Cândido de Almeida Vasconcelos* — A influência das vírgulas na aprovação de uns estatutos.

*Do sr. Tomaz Pessoa* — O meter a tempo

uma proposta é a melhor forma de tapar a bôca a uma pessoa.

*Do sr. Costa da Editora* — O progresso radiofónico, e a certeza de editar um dia um livro radiado.

F. L.

Do sr. Rodrigo Bessa, que usa o pseudónimo suavíssimo de Ivo Magano — maganão! — foi recebida dois dias depois nesta redacção a tese que abaixo transcrevemos, e que não pôde ser apresentada ao congresso pelas razões expostas:

### O microfone

Eu não sei, leitor amigo, se já alguma vez tiveste ocasião de te encontrares diante de numerosa assembleia, com a incumbência de lhe recitares uns versinhos, ou de lhe impingires um discurso qualquer.

Se tal te sucedeu, devias forçosamente sentir a estranha sensação de que te estavam fazendo cócegas pelas pernas acima, ou puxando-te pelos fundinhos...

A essa sensação tão esquisita, chamam os franceses, em calão teatral *avoir le trac!*

Sucedem muitas vezes que um actor, por um inexplicável fenómeno, troca uma palavra, diz uma frase que só deveria dizer em outro acto, ou corta uma cena, convencidíssimo de que andou conforme a rubrica, causando assim uma grande trapalhada; *il a eu le trac...*

Ficou célebre o caso de uma grande actriz, que devendo despedir-se exclamando: *à vendredi prochain*, disse *à vendrecht prochain*; sorrisos abafados na plateia... e ela reconhecendo a asneira, emendou para *à vendrepi chodrain!* A gargalhada foi geral... tinha-se apossado da genial actriz o maldito *trac!*

Ora eu, que aqui me vês tão bem disposto, também já fui actor e actor teatral!... (amador, bem entendido) e confesso que, embora nesse tempo, já lá vão tantos anos! fôsse bastante descarado, mais do que uma vez fui dominado pelo fatídico *trac*.

Eu representei, eu recitei até *A Vingala*, sempre à vontade, mas quando tinha de usar da

palavra diante de certas assembleias distintas, confesso que nunca conseguia ver as pessoas que formavam tal assembleia!

Via assim como uma espécie de nevoeiro esverdeado, de entre o qual surgiam uns olhos que pareciam deitar lume, e sentia sempre as tais cócegas... o arrelizador *trac!*

Ora sucedeu que um dia, um amigo me pediu para fazer uma conferência através de um microfone, e essa conferência deveria ser... humorística!

Como ainda há muito boa gente que acredita que eu... às vezes, tenho muita graça, lá fui fazer a conferência pedida.

Infelizmente, conhecido radiófilo, encontrando-me na rua pouco antes, preveniu-me que estar a falar diante de um microfone era coisa muito séria, pois se estava falando para milhares de pessoas... que se não viam! Comecei logo a sentir os prenúncios do *trac*, mas pensando bem, reconheci que não havia motivos para tal; pois se eu estaria só, dentro do salão do estúdio... que me importavam os tais milhares de radiófilos... que me não viam, e além disso mal me conheciam!?

Lá fui para a conferência; o microfone, instalado numa alta coluna, parecia-me a coisa mais inofensiva deste mundo... ora, para que havia aquele amigo de uma figa me ter assustado?

Ai! leitor amigo!... quando ouvi um estraldinho, e me preveniram que estava aberto o circuito e começasse a conferência... quão desmaiei!

O microfone começou a parecer-se com um tremendo espantalho, com uma bôca muito escaecorada... a deitar-me a língua de fora!

Senti a sensação que deveria ter sentido aquele noivo a quem um amigo recomendou... que não pensasse em Florimond! Lá li, conforme pude, a minha conferência, e como se tal marido não bastasse, vieram ainda pedir-me que fizesse de locutor durante a noite! Estou certo de que nunca, através de um microfone foi dada tanta asneira!

Foi este o mais formidável *trac* de toda a minha vida!...

Pôrto, Maio de 1932.

Ivo MAGANO.

### Dois homens vestidos de luto

— Pobre amigo! Quem podia julgar um desenlace tão rápido.

— E' verdade! Quem podia pensar que um homem tão simples pudessem morrer duma pneumonia dupla.

### A conta e a tigela...



ou o cão e o gato.

# Duas missivas

## dos meninos de purp... urina

Dos encantadores e repolhudos pequenos,—precoces atletas que se vão industriando na arte de fazer carretos, e que com tanto garbo e impudor se ostentam na Avenida, olhando para as traseiras da senhora sua Mãe, recebemos as epístolas que seguem:

### “Senhores da MARIA RITA

#### Vão saber o nosso verdadeiro nome

Desde que, numa bela manhã dum sábado de Fevereiro, a nossa boa Mãe, com a ajuda do Pai Henrique Moreira, nos deitou a este mundo da Avenida dos Aliados, temos sido alcunhados de tudo quanto há, não existindo para af bicho careta que não nos tenha chamado aquilo que muito bem entende.

Até agora os senhores da MARIA RITA se lembraram de dizer que nós eramos os meninos de purp... urina!

Vimos protestar contra esses atrevimentos e declarar que o nosso nome é bem diverso daqueles que nos teem sido aplicados.

Fiquem sabendo duma vez para sempre, que nós já existíamos nos tempos distantes em que Cristo andou pelo mundo pregando a paz e o amor!

Nós descendemos daquele célebre consul romano que lavou as mãos ao condenar o Nazareno!

*Pilatos!* Eis o nosso verdadeiro nome.

Parece impossível que ainda ninguém tivesse dado por isso, tendo nós o nome tanto à vista.

Mesmo de longe, e a olho nu, se vê que nós somos Pilatos, e com muita honra o confessamos.

Esperando o favor da publicação desta carta, subscrevemo-nos com toda consideração e estima,

*Os Pilatos da Avenida.»*

### Segunda epístola

#### Vem aí o Al Capone!...

“Senhores da MARIA RITA

Já depois de escrita a nossa carta de hoje, chegou-nos a alarmante notícia, transmitida pelo cabo da cerveja do Metropolitano, que o célebre *gangster* Al Capone, tinha fugido da América em direcção ao Pôrto.

Tal notícia encheu-nos de terror! Se êle dá connosco, o que irá ser de nós?

Estamos a tremer como varas verdes. O senhores bem sabem que não há nada pior para os Pilatos do que os Al Capones.

E se calhar, êste nem gaita de amolador trás, para nós nos prevenirmos e dar-mos às de Vila Diogo.

Senhores da MARIA RITA, tenham compaixão de nós e não deixem passar o Al Campone aqui pela Avenida.

O pavor apoderou-se de nós e já nos purpurinamos todos pelas pernas abaixo.

Amigos dedicados e muito gratos,

*Os Pilatos da Avenida.»*

Coitados dos pequenos! Com pena dêles fomos à Avenida para os sossegar e confortar. Fazem dó!

Nunca vimos Pilatos tão encolhidos...

## Cama de hotel

Se êste leito, onde tenho adormecido,  
Me pudesse dizer com expansão  
Quanta dor, convertida em oração,  
Foi ferir, alta noite, o seu ouvido;

Ou então quanto gôzo apetecido  
A babar o deixou sem compaixão,  
Ao sentir sôbre si — pobre enxergão —  
Deleitar-se um parzinho muito unido;

Eu iria pedir ao Zé Maria, (1)  
Por favor, que o vendesse, pois queria  
Fazer dêle um amigo confidente;

Muito empenho teria em conhecer  
A diferença entre a dor e entre o prazer:  
— Qual dos dois é mais puro ou mais ardente.

ALBANUS.

(1) O digno hoteleiro.

## PERFIS DO PORTO

VII

### COSTA CARREGAL



Um tipo caixa alta da tipografia tripeira.

## Aspectos da Semana do Livro

O Sebastião do Quiosque, resolveu fazer um abatimento de 20 por cento nos livros de mortalhas.

O proprietário duma pensão cá do Pôrto, adquiriu *os gatos* no stand do Tavares Martins.

Sabe-se de fonte limpa que uma embaixada de mulheres, procurou a comissão da Semana do Livro e reclamou enérgicamente pelo facto de as terem desvalorizado extraordinariamente.

Entre outras, lembra-nos ter visto: *A Mulher de Sal*, *A Mulher que Esgotou o Amor*, *A Mulher que não Sabia Amar*, *A Mulher que Parecia de Gêlo*, *A Mulher Ideal*, etc., etc. Falou em nome da embaixada, *Uma Mulher de Temperamento*.

## Casos da rua

— Foi preso e recolheu a sua casa incomunicável o surdo-mudo Manuel da Purificação, que na via pública insultou um transeunte com frases de arreiro. Ao ser interrogado pelo juiz, declarou que já tinha dito tudo.



Entre D. Quixote e Sancho Pança, há a sombra de um burro — é o bom-senso

## O papel da MARIA RITA na Semana do Livro

O papel da MARIA RITA, como já devem ter reparado, às vezes é mau; mas na *Semana do Livro* é o mais simpático que pode haver.

O seu *Stand* que tem o palpitante número 16, está ali a fazer frente à casa das Cardosas, e tem de tudo o que lá está.

A sua função é, além de ganhar aquilo que possa ser, espalhar por toda a parte o seu nome e a sua graça — aqui a palavra pode ser tomada outra vez por chamadoiro — e o nome da sua querida mãe: a Civilização.

Mas como não fica mal a ninguém, juntar o útil ao agradável, MARIA RITA encontrou em dois devotados amigos a ponte levadiça para oferecer aos seus compradores variadas pechinchas.

São elas, se não estamos em êrro, as seguintes:

— Um magnífico aparelho de T. S. F. da grande marca R. C. A (Rádio Corporation of América) de sete lâmpadas, tipo capela das Almas, no valor de 2.500 escudos.

— Outro aparelho de T. S. F. da marca alemã Lumofone, no valor de 1.200\$00 esc.

Ambos oferecidos pela casa Rádio Pôrto, que tem pela MARIA RITA uma simpatia dos diabos. Julgamos que é por ser gorda.

E uma autêntica grasonola e doze discos virgens de agulhas, que a antiga casa de Ricardo Lemos, igualmente ofereceu, levada por um natural impulso de gentileza para com o belo sexo.

Isto tudo será sorteado no último dia da Semana do Livro, no *Stand* 16, e é dado a trôco de uma compra de qualquer valor no mesmo *Stand*.

Vá lá a ver a sua sorte.

### A careza da batata

e a

### barestia da banana

Segundo dizem os periódicos e confirmam as donas de casa, a batata trepou, subiu a um preço dolariano e instabou-se lá em cima, tôda pimpona e muito senhora do seu nariz... de batata.

E a banana, que dantes conservava diadema de rainha, está hoje destronada, ao alcance de qualquer pobretão que lhe ferra os dentes com delícia, para se vingar na pobre banana dos bananos que tôda a vida apanhou.

A batata derrotou a banana. É o triunfo do tubérculo sôbre a fruta. Isto era de esperar numa terra onde há tanto tuberculo...so.

\*

\* \*

Devido à alta da batata, que está uma verdadeira alteza, temos de modificar algumas frases em uso e alterar a confecção culinária de vários pratos.

Assim, não podemos continuar a dizer: — Ora batatas! Sabes que mais? Batatas!

Temos de mudar para: — Ora bananas! Sabes que mais? Bananas!

As listas dos restaurantes incluirão as seguintes novas ementas e emendas:

«Bife com bananas ao «soufflé». — Cabrito com bananinhas novas. — Lombo de porco com bananas assadas, etc., etc.

E nos pratos caros lá se encontram a D. Batata, altiva e orgulhosa: — *Mayonnaise* de batata. — Batata trufada a *champignon*. — Creme de batata. — Lícores de batata, etc., etc.

\*

\* \*

Quem está de-veras triste com a baixa do fruto e a alta do tubérculo, o nosso amigo Banana. Sente-se muito por baixo, coitado.

Devemos dar-lhe razão. Com tanta abundância de banana, ficamos todos uns bananos e abananados de todo.

Que, afinal, vendo-se bem as crises a batata e a banana são quasi iguais com uma ligeira alteração se podem transformar uma na outra.

Basta simplesmente pegar nos «mãos» da banana e colocá-los nos «tt» da batata e vice-versa.

Quem dera ser reбуçado  
Para um dia, em ânsia louca,  
Ser 'té ao céu rebocado...  
Mas ao céu da tua boca.

# Rés-do-chão

## Ralancete da Semana

Charlot, desta vez, não nos deu aquela graça e a emoção dos seus «films» d'outrora. E, aqui à puridade, nas «Luzes da Cidade» que, a péso d'oiro, o Pôrto viu agora, falta não sei o quê... — Como explicá-lo sem dos «chavões» ouvir sábio conselho, buscar a rima e, após, metrificá-lo?! Toiçe? — E' natural!

De resto, a nossa crítica não vale a ponta dum chavelho!

E porque a sobredita cuja fita que o aplauso cinéfilo espevita já se foi — vá com Deus! — regressamos ao nosso «film» interno, — e pena é que nestes versos meus cantar não possa esse Charlot eterno,

«film» sonoro que perdeu a fala e todos podem ver, que nunca usou «côco» nem bengala e que não sabe ler...

A Semana do Livro foi o «ciou» deste punhado d'horas, incolor. Eu lá te vi, leitor, a comprar livros. — Tu és um homem moderno, inteligente; enriqueceste inopinadamente, — foi sem querer, bem sei...

A culpa não é tua. Mas a Lei das tais compensações, para te dar riqueza, empobreceu uns dez ou doze... Na Vida, — é singular! — para que um bom burguês engorde e goze, ficam dez miseráveis a chorar...

Aconselho-te um livro, — para ver se o teu feroz egoísmo afrouxa e abranda: «Arte de bem comer» da divina Alinanda.

Frei-SATAN.



## Os Cães

Embora à primeira vista não pareçam, estes animais são mamíferos que roem ossos. São ossívoros.

Entre as diversas espécies, salientam-se as seguintes:

Os cães de caça, os cães vadios e os lulus.

Há também os cães que se não pagam por dinheiro nenhum. Nem 5 reis por conta. A estes, é de uso e costume chamar-se-lhes cães de estimação. Lá de estima são não há dúvida nenhuma.

O feminino dos cães é cãs o que parece impossível porque há quem teime que é cadela. A não ser quando ao cão se antepõe o cognome de bicho, e neste caso é que o feminino é bicha-cadela.

Há também os cães polícias e os polícias de cães que são aqueles pescadores que vemos aí pelas ruas com umas rédes de ir à pescada.

Segundo reza a escritura o cão é o símbolo da fidelidade. Já o mesmo não acontece com as cadelas que são, como sempre, o eterno feminino.

O galgo é o cão mais perfeito e anda de ordinário com a galga, o que o mesmo é dizer que anda com fome.

Há também os cães da espingarda que só ladram quando caem.

Cão que ladra não morde diz o adágio, mas é mentira... Os da espingarda mordem pelo menos o cartuxo.

Os cães são inventores de dança por exemplo: o fox e o can-can.

Há cães de todos os tamanhos; desde os de trazer no bôlso do colete até aos de S. Bernardo que andam muito bem de patins.

Os cães são uns animais muitíssimo inteligentes; tanto ou tão pouco que não há nenhum que tivesse escrito um livro, e foi um célebre Diogo cão que descobriu o Rio Zaire.

Era um cão de água.

Zeca RAMÉ.

# COROAS & CARTOLAS

VII

João Maria Ferreira



VERGILIO

E' grande rei com certeza,  
Um rei maduro, bem sei.  
Se reina na Madureza,  
De qualquer maneira é rei.

Pobre navio sem quilha  
E roscã sem parafuso!  
E' bôim poeta o Sevilha  
Indá que um tanto confuso.

Sua apolínea figura,  
Que lembra o rinoceronte,  
Tem lampejos de bravura  
Sem que a gente s' medronte.

No fundo, só bonomia,  
Indá mesmo que o não queira.  
Tal é o João Maria,  
Supracitado Ferreira.

## SALÃO SILVA PORTO

BREVEMENTE

## Exposição Octávio Sérgio

RETRATOS  
DESENHOS  
CARICATURAS



O Costa da Editora, cada vez mais papagaio e mais louro.

**A** MARIA RITA, uma senhora de letras, como afirmava com justiça o bom Dr. João das Regras, (doenças de senhoras) ligou tamanha importância ao grandioso certamen que se ergueu por baixo do cavalo, que destacou um dos seus múltiplos directores carecas para acompanhar de perto a sua curta vida.

E do que êle conseguiu ver, apalpar, verificar e concluir, damos a resenha em seguida.



O Martins de Jesus e o menino Jesus do Martins.

## Ouvindo a Comissão

Porque a Semana do Livro, como tudo que se preza na nossa terra tem uma comissão. E' composta pelos mais bonitos livreiros da cidade, como poderão verificar pelas fotografias que reproduzimos. Começamos pelo

### Stand n.º 1

seguindo a verdadeira ordem cronológica. Encontramos o Costa da Editora, sempre sorridente, sempre falador, de cada vez mais louro e mais papagaio.

Ouçamo-nos:

—Somos da MARIA RITA, e desejamos saber de V. Ex.ª o que se lhe oferecer sobre a Semana.

Ouçamo-lo:

—A minha Excelência saiu. E na Semana não se oferece nada. Vende-se tudo a pouco mais de dez tostões, mas só vendido. Eu gosto disto, sabe?! São dez dias deliciosos, em que não tenho tempo de aturar a mulher nem as filhas. Tenho-as aqui ao meu lado, como vê, e é desta forma a melhor maneira de me ver livre delas. Mas a ideia da Semana é uma ideia mais que simpática. E' humanitária, económica direi mesmo, se mo permite.

Permitimos, e êle continuou.

—Sim, porque como sabe o livro é o pão do espírito; e a gente baixando o preço do livro, baixou por consequência o preço do pão. *O Pão do espírito envergonha o tipo único.* Adeus.

E fechou os olhos, naquele típico gesto de quem lê até de olhos fechados.

Num pulo estávamos no

### Stand n.º 2

onde o Guedes da Silva, o já celebrado *Martir da Sovela*, tem a sua grandiosa coleção de obras acabadinhas de fazer velhas.

—O quê, as minhas impressões? São óptimas. Isto vai correndo, graças a Deus. Apesar-de que eu estou *entre duas reacções*: a do Costa que fala todo o dia, e a do Moreira que está todo o dia calado. Mas o público do Pôrto sabe cumprir o seu dever. Eu cantolhes o *canto da cigarra*, e êle não é como o de Braga: compra tudo. Que eu quasi só tenho obras

Quando deixamos o Domingos Barreira, cujo *Stand* estava repleto, pegamos de magiciar que isto era devido

# LER OU NÃO LER

## EIS A ESTÃO

### Uma semana de letras vivas Brindes por aquele folheto

#### Os "Stand,, • Os expos • Os Livros • O Público

esgotadas. E com êste trabalho todo, com certeza quando chegar ao fim da *Semana* também eu ficarei esgotado. O que vale é que o Fernando Machado, pôe-me uma encadernação de luxo, e pronto...

Deixámo-lo, e fomos para o

### Stand n.º 6

tendo pelo caminho cumprimentado o Lopes Pinto que no *stand* de A. Figueirinhas L.da, berrava como um danado a apregoar o *Vale dos Homens Silenciosos*, meio convencido de ser um *Homem Superior*.

No *Stand* n.º 6 recebemos o terceiro componente da comissão, o Domingos Barreira, delicadíssimo, cumprimentador:

Ouçamo-nos:

Para variar dissemos o mesmo que no *stand* n.º 1.

Ouçamo-lo:

—Já sei. Da D. MARIA RITA, essa senhora gorda que eu cumprimento sempre... Muito bem, muito bem! E quanto à minha opinião, se me dá licença, dir-lhe-ei tudo com aquela célebre cantiga popular:

"Só" duma banda  
Doutra banda "Só"

e é o que há na feira. Além disso vende-se de tudo, desde o *Cristo* até ao *Inferno*, de Dante. E eu gosto disto, sabe. Desta forma tenho pretexto para cumprimentar pelo menos metade dos meus inumeráveis conhecidos:

E deixou-nos para estender a uma senhora, junto com uma mão, as *100 maneiras de ganhar dinheiro na vida*.

Quando deixamos o Domingos Barreira, cujo *Stand* estava repleto, pegamos de magiciar que isto era devido

à sombrinha que dêste lado era um consólo, ao passo que do outro lado estava um sol de rachar. E sem querer veio-nos à mente a tourada de Domingo, com sol e sombra e Barreira...

Chegamos ao

### Stand n.º 9

Em antes de nos podermos acercar do grande Raul Lelo, e como ouvíssemos gritos de alegria e de regozijo, ficamos com a impressão de que tínhamos pôsto o pé nas autênticas *Minas de Salomão*.

Até que chegou êle, o verdadeiro *Mandarim* daquilo tudo, a careca suada, e sem nos dizer qualquer palavra meteu a mão ao bolso e introduziu na nossa, qualquer coisa. De princípio julgamos que era uma *Relíquia*, mas afinal era apenas uma senha para ir tomar um café ao Sport.

—Aqui dá-se tudo, meu amigo—disse-nos êle.—Tudo.

O comprador entra, compra um livro, e por uma ninharia, vai tomar um café de graça, um chá de graça, dois pastéis de graça, e leva para casa dois volumes do D. Quixote de graça. Isto é uma mina. O café é para contentar o Coelho Neto, coitado, que é brasileiro, e facilita as transferências. Abençoada a ideia da *Semana*!

—Sabe de quem foi?...

—Acho que foi do Costa. Ele é um proletário de família... Sim. Compreende-me... tem uma grande prole...

Despedimo-nos enquanto êle fazia andar a roda da fortuna, e penetramos no

### Stand n.º 12

onde tivemos de entrar a custo porque o Fernando

Machado, não nos queria deixar lá pôr o pé. Desde que lhe falamos da Rússia não nos pode ver nem encarar.

Ainda o ouvimos dizer a um cliente com aquela voz de anjo que todos lhe conhecem:

—...isto é a última palavra na arte de encadernação. V. Ex.ª bem sabe que os livros são como as mulheres: quanto melhor encadernados melhor se vendem... São três contos. Tenho também a primeira edição da Bíblia encadernada pelo próprio S. Mateus. Uma raridade que me custou os olhos da cara. Dou-lha de graça: são 12 contos!

E a nós não nos deu a atenção devida, dizendo-nos apenas que a *Semana do Livro* lhe tem dado um grande prejuízo, e que as encadernações melhores são as dos seus ferros. Realmente o seu stand é artístico. E' o verdadeiro *Stand arte*, sem piada ao António Ferro. E daí a nada estávamos no

### Stand n.º 15

caídos nos braços do grande Martins, ao mesmo tempo que o filho, o Martins Júnior, nos abraçava os joelhos. Tratamo-nos todos por tu, desde que o filho editou o *José do Telhado* às prestações. Por isso o pai deu livre curso às máguas.

—Estou desgraçado, Zé! Isto não dá nada. Como toda a gente sabe eu sou José Martins; mas pouca gente sabe que também sou Jesus e que por isso sofro agarrado à caixa registradora, a minha cruz. E as lágrimas escorriam nas faces macilentas de Jesus:—O Costa teve esta ideia para me desgraçar. O que nos vale é a *Ceia dos Cardiais*; se não até fome passaríamos. Há compradores que são uns miseráveis, que-rem tudo de graça ou quasi de graça. Eu só fico contente quando vejo vender um livro, *mais um, mais outro*... Ando cheio de fel, nem tenho vontade de me *Barbear, Pentear*...

E depois dão-se aqui no meu stand coisas espantosas... Acho que são por causa do meu rapaz. Ontem entrou aqui *uma mulher que parecia de gelo*, mas não era. E de noite, por causa dêle também, deu-se uma questão entre a *Amadora dos Sleepings* e a *Amadora dos Fenómenos*. Venceu a última porque era de *Ferro*.

Como estivéssemos farto de ouvir chorar, despedimo-nos do Martins de Jesus, que nos lançou novamente o dolorido olhar, o tal, o *último olhar de Jesus*.

### O que êles compraram

A muito custo, conseguimos tomar nota das obras adquiridas pelos Ex.ªs Srs.:

Domingos Polónia, *A Carne*, de J. Ribeiro.—Leandro Morais, *Pedras que falam*, de Campos Júnior.—Al-



Fernando Machado, especialista em edições a ferros... curtos.

varo Machado, jornalista, *A Dança*, de E. Noronha.—Alberto Pereira, armador, *A Morte*, de Lopes de Mendonça.—Hernani Tôrres, *O Piano de Clara*, de Escrich.—Henrique Moreira, *A Mulher de Sal*, de Borrás.—José de Sousa e Silva, *O Ferreiro da Abadia*, de Turail.—Seixas Júnior, *O Festim de Baltasar*, de Lobato.—D. Maria Feio, *Donas dos tempos idos*, de Sabugosa.—Manuel Reis, *Miniaturas*, de G. Crespo.—Engenheiro António Bernardo Ferreira, *As Minas de Salomão*, de E. de Queirós.—Dr. Alfredo Magalhães, *Criação*, de Correia de Oliveira.—Alfredo Cunha (Raza), *Sê perfeito em tudo que fizeres*, de Marden.—Andrade Melo, *A Dança das horas*, de G. de Almeida.—Dr. Alberto Gonçalves, *Radiante maternidade*, de Stopes.—Dr. Alvaro Pimenta, *Arranha-Ceus*, de Bartellot.—Manuel da Fonseca Guimarães, *Fumo do meu cigarro*, de Augusto de Castro.—João Silva, *O Procurador da Judeia*, de Anatole France.—D. Maria de Lourdes Amaral, *A Venus Negra*, de Baker.



O Guedes da Silva que pôs todas as «Luzes da cidade» em frente ao seu «Stand».

O nosso Raul Lelo, chefe honroso e modesto.





## O que foi o domingo passado

Quer dizer o Domingo passado não foi nada. Houve em Lisboa um desafio Marítimo, que deveria ser de water-polo, mas que foi de foot-ball. Não houve *goals* de parte a parte, porque só jogaram 10 homens de cada lado. O Acácio quis jogar com a assistência e por isso o arbitro pediu-lhe para sair fora do campo.

Consta que a assistência não levou a bem a decisão do arbitro e que por isso desatou a dar pateada ao Marítimo e a meter o Pôrto no coração.

E' sempre assim, salvo seja! Em vendo o campeonato aproximar-se do fim, já o Pôrto lhe mete engulhos de todo o tamanho.

Dizem também que o Pinga torceu um pé, e que o Alvarito já esta época torceu um rôr dêles.

Vamos a ver o que será a jornada de amanhã. Oxalá o Pôrto descubra o melhor caminho do Marítimo para o fim.

### Em Gaia

Aqui o Sport resumiu-se a uma tourada verdadeira. Porque as touradas no sport às vezes não metem touros. Mas esta foi a valer e os rapazes do Sport Club do Pôrto, demonstraram que a arte de montes é eterna em Portugal.

Descrevamo-la:

Tarde de sol... é sombra e camarotes. Nas bancadas destacavam-se como nota estival, de touros, quatro chapéus de palha, sendo um do ano passado, e outro do feitiço daquele do sr. Jacinto de Magalhães. Casa à cunha, muitas senhoras, etc.

Como inteligente, foi escolhido o velho Corte Real, que depois de cum-

primentado pelos toireiros, cavalos e peões, mandou tocar para o primeiro garraio; o que foi a mesma coisa que ter tocado a Santos, porque o toiro tocou ao Santos, que espetou alguns compridos que cumpriram.

O segundo toiro foi esplêndido para demonstrar que o material *Fiat* é alguma coisa de bom.

A assistência riu a-pesar-da *gravidade* do momento, e pediu uma pega rija. Ei-la, de efeito, aparatosa, tendo ficado o bicho em estado *grave*.

No terceiro toiro, deu-se um caso espantoso de ver um toireiro ficar preto de susto. Risota e o científico Barreto mostrou que a velhice ainda vem longe, e que o específico para o cabelo, da sua invenção, também levanta as forças caídas.

4.º, 5.º e 6.º — Razoáveis, e pouco amigos de palha. Os quatro chapéus e a casota continuavam intactos. O Mário Teixeira trabalhou a dois cilindros, e o Noronha perdeu as estribeiras. Mendes Carvalho, gordíssimo, fez bom uso do Bóvril e Edgar dos Santos, bateu o *record* dos saltos em altura porque se viu à vara.

Nó penúltimo garraio, o Duque, esqueceu-se dos óculos, e como o bicho se agarrou a êle, não teve outro remédio senão pegar-lhe na mesma moeda. Da assistência ouvia-se o respeitoso grito de *agarrá-o!* Um titular não se trata por tu. E disto resultou a melhor pega da tarde.

Os Porturreros, cantaram o Timpanas, não com aquela *Alegria* do costume, mas com o receio que infunde um redondel. Este bicho não gosta da música por ser muito *severa*.  
Corrida em estilo *Nascimento*.

### ZÉZINHO.

## Oferece-se

### um lote de coisas raras

a saber:

**O calcanhar de Aquilles**, que foi achado numa das covas do Pôrto.

**O Prazer dos Deuses**, estatueta em forma de vingança.

**Os últimos dias de Pompeia**, quasi novinhos em fôlha.

**O cravo real**, onde se tocou o último minuete. Esplêndido para a lapela do sr. Cunha da Rasa.

## CORNETA MUNDANA

### Pedido de casamento

Pelo sr. Januário Casado, solteiro, de Campo Maior, foi pedida a mão da gentilíssima filha do também nosso amigo Jeremias Prefeito.

A mãe leva em gôsto o enlace; mas o pai não sabe o que há de fazer porque a filha é maneta.

O enlace realizar-se-á brevemente.

Um homem de mérito, não é feio nunca. Quando se fala dêle, esquece-se o seu físico; quando se fala com êle só se lhe vê o talento.

## O seu género

O primo da Lulu Lucas  
Era um grande atiradiço.  
Pelo seu rosto bonito,  
Trazia sempre malucas,  
Varridinhas, sem touço,  
Meia dúzia de mulheres.

Se era assim o Agapito,  
Caro leitor, o que queres?

Quando a Parca vindimou  
O Lucas e o pôs na cova,  
E viúva se encontrou  
A Lulu, tão fresca e nova,  
Sem demora, começou  
Fazendo um cêrco apertado  
A' priminha, o Agapito.  
Pois não diz lá o ditado  
Que quanto mais prima fôr  
Mais a gente... Bem, s'tá dito,  
Adiante c'o andor!

Tôdas as noites êle ia  
Visitá-la a casa d'ela,  
E ali se desfazia  
Em promessas, muita trela,  
No mais doce *tête-a-tête*,  
No mais ameno ripanço,  
Mas a respeito de avanço,  
Três vez's nove, vinte-e-sete.

Quando a conversa aquecia  
E se tornava abrasada,  
A' porta sempre aparecia,  
Muito a tempo, uma criada  
Loira e sardenta. Ora um dia,  
Fartinho de tal tormento,  
O Agapito, raivoso,  
Aproveitando um momento  
De solidão, furioso,  
Com a prima arremeteu;  
Quis agarrá-la, beijá-la.

Esta, que bem percebeu  
As intenções do seu gesto,  
Pálida, quasi sem fala,  
Afastou-o, n'um protesto  
Da sua honra ultrajada,  
Dizendo, num repelão:  
— Pois se é tal sua tenção,  
Eu vou chamar a criada!

O Agapito, o infame,  
Respondeu-lhe, enfatuado,  
De papo cheio, enfolado,  
Como um odre, como um pipo:  
— Não chame, prima, não chame,  
Que ela não é o meu tipo!

Dr. OX.





# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Hoje, estou melancólico. Acabo de saber que o meu melhor amigo decidiu divorciar-se. É um rapaz excelente, casado com uma prima. Formavam um par tão unido que até era um par singular. E de repente, zás. Aí os temos primos entre si.

A verdade é que não foi de repente. Foi por causa do concurso dos fósforos.

O tal meu amigo é uma vítima dos anúncios mirabolantes publicados nos jornais a esse respeito. Passou a olhar para a chamazinha de cada fósforo com uma atenção desmedida, desde que soube que em a chama sendo encarnada o miolo do palito é ouro, se não fôr prata. E aquilo deu-lhe volta ao miolo, — ao seu miolo pessoal e intransmissível. As primeiras questões com a mulher nasceram da zangã que ela criou a vê-lo assim remir os palitos fosfóricos, como quem consulta um barómetro; nada o demovia; não arredara ôlho. E o seu estado agravou-se. Deixou de ser o homem regrado que fuma três cigarros por dia (um por cada virtude teologal), e converteu-se numa chaminé, — para acender mais fósforos; arranjou assim uma bronquite crónica; dada a sua idade, era uma bronquite crónica anacrónica (o Marcial Jordão que me perdõe...) E mais. De um rapaz elegante, fêz-se um desleixado; como, ao vento, não podia ter certezas quanto à côr da chamazinha, metia nos bolsos todos os fósforos que riscava na rua, o que lhe punha numa lástima todos os fatos; além disso, à força de escarafunchar cabecinhas, andava com as unhas sujas; ora, órfão de pais desde criança, e até órfão de tio (que só resistira a dois anos de casamento) sua tia e sogra era a única pessoa de família de quem seria lógico prever, se não desejar, um próximo falecimento. Filha e mãe tomaram, pois, por uma aspiração muda mas eloquente aquela teima em andar com unhas de luto. Houve mais cenas, ralhos, cheliques. Mas êle continuou. Passou a apanhar do passeio os fósforos que os transeúntes deitavam fora; e isso valeu-lhe uma prancha maçônica ameaçadora. (O carvoeiro da esquina, que era Grão-Duque do Imperial Sigilo e roubara no pêso do côke, «cocou» o meu amigo no passeio e foi a correr denunciá-lo como clerical perigoso, muito afecto às beatas).

A vida doméstica foi-se assim tornando insupportável.

E o desenlace deu-se há dias. Por inverosímil que pareça, o meu amigo acabou por acender um fósforo encarnado, em que encontrou um alfinetinho de prata. Ia endoicendo. Não disse nada, porque eram precisos dez alfinetinhos para obter um par de jarras de cristal, (ou, na alternativa, seis garrafas de vinho verde) — objectos miraculosos com que um dia, quando fôsse velho, entraria triunfalmente no seu lar. A falta de melhor sítio, guardou o precioso achado na caixinha dos selos sobre a sua secretária.

Dias depois, ao chegar a casa, encontrou a esposa feita uma bicha; e é sabido que as bichas, mesmo as do açucar, são sempre de rabiçar. Que parecia impossível; que tudo lhe ser-

via de cinzeiro; que tinha querido escrever para «A Moda e a Felicidade» a mandar vir uns modelos de pantufas; que tinha ido buscar um selo; que tinha vindo um fósforo queimado agarrado ao selo, e que tinha lambido o fósforo e rasgado o selo. O meu amigo riu, e perguntou apenas:

— Que fizeste ao fósforo?

Ao que ela respondeu, irritada, tomandó a pergunta por cinismo refalsado:

— Que lhe fiz?! Fui-o deitar à pia!

Nem te posso contar, MARIA RITA, o drama pungente que se seguiu. Dir-te-ei apenas que nessa tarde ficou resolvido o divórcio, por comum desacôrdo. Acaba de sair daqui o pobre rapaz. Em quis deitar água na fervura, gabei-lhe as virtudes da mulher. Retrucou-me, gravemente:

— Não valia um fósforo!

E acendeu um cigarro, olhando muito para a chamazinha trémula, que era côr de limão, como o desespero.

Os jornais daqui falam muito das eleições em França. As vozes das urnas deram razão aos canhotos, visto que inclinaram para a esquerda a barcaça da governação. Os conservadores fazem-se esquerdos a aceitar as consequências do acto — mas o que é, é; e não vale a pena negá-lo. Isso não desmente esta verdade profunda: — as vozes das urnas não chegam ao céu. O que fôr soar. A França suará! Staline ceará. Rebola a bola e no fim dá tudo certo. Herriot equivale para Tardieu a R. I. P.

Aqui tens, MARIA RITA, uma crónica internacional relâmpago sintética. Termina-a, salientando que a França não bateu ainda o record do parlamentarismo; porque o record do parlamentarismo é mandar um deputado para uma Câmara de Ar (até aqui, tem ido sempre receber...).

A quantidade e qualidade dos desastres que ocorrem por todo o mundo, e sobretudo a eloquência exuberante com que os jornais os descrevem, vão embotando a pouco e pouco a nossa sensibilidade.

Eu ainda me lembro de ver, quando era pequeno, a comoção causada em Lisboa pelo terramoto de Messina. Hoje, só os nossos males nos afligem, fora um ou outro caso que mais fale ao nosso coração.

Tanto assim é, que eu, que me não considero um Inquisidor, que sou antes boa pessoa, com alma capaz de vibrar, quando há dias li nos jornais, em grandes letras: — Na Índia, dois ciclones assolam a região de Bengala, antes de entrar nos momentos de piedade que nasceram dos pormenores, perguntei a mim mesmo que moda era esta de civilizar os ciclones, que até já assolam as regiões de Bengala — e, se calhar, de fraque e chapéu de côco.

No fim de contas, talvez fôsse culpa do redactor que assim redigiu...

Em Espanha prossegue o seu caminho o Espírito Novo — que é no fim de contas uma coisa muito velha e muito vista: — o Sarrabulho.

Onde ninguém se entende é fácil de entender o que acontece; — arde Tróia, arde Trolha.

A Catalunha quer o Estatuto, e Castela quer o «Statu quo» — (que era como os romanos diziam *estd tu quieto*). Visto que os temperamentos latinos não são paulatinos, é de prever que o pau trabalhe à solta, nos costados dos recalitrantes, que é como se resolvem as Magnas questões da Liberdade e do Pensamento. O ano passado guizaram os conventos; êste ano, principiou em Valência o assado das Universidades. Ainda há-de haver outros assados, peixe espada frito, castanha cozida, — e muito mólho. Digo-te eu que é esta a ementa do festim espanhol. E veremos. Veremos se tem ementa.

Segundo um cálculo com visos de oficial, os motoristas alfacinhas derrubaram em três meses mais de cem candeeiros de iluminação pública.

No tempo em que os candeeiros eram pernaltes, teria sido gravíssimo; hoje, estando êles de côcoras sob as árvores, por providente cálculo, — não fazem mal a ninguém deitando-se ao comprido.

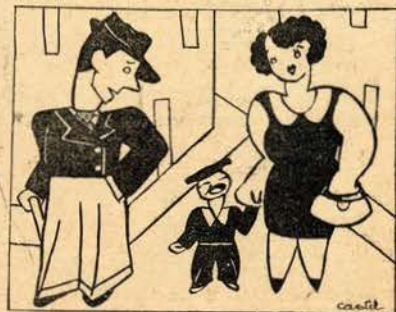
Os da Avenida estão agora pintados de claro, côr de alumínio; são candeeiros de «aluminação» pública. Naturalmente, mascararam-nos de D. Tancredos para ver se os automóveis não lhes marravam. Parecia-me mais prudente fundar uma Escola onde se ensinasse aos candeeiros a saltar a trincheira, pegar de cernelha, passar de capote, e demais artes tauromáquicas.

Lisboa, valha a verdade, é hoje uma cidade bem iluminada. A electricidade matou o firmamento. E' natural que quem guia um carro, por pouco poeta que seja, — derrube candeeiros para ver as estrélas.

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

SE V. EX.<sup>a</sup> quiser assassinar alguém de sua família, a sogra, por exemplo, sem que ninguém o saiba nem mesmo a polícia, bastará inscrever-se como sócio do Sindicato de Assassinos de Todo o Género. Também se encarrega da limpeza das máquinas de escrever.

## Os meios e os fins



— Ó mamã, o que quere aquele senhor?

— Queria ser teu pai.



Para o mote

*Neste jornal, a laracha,  
E' sempre coisa de estucha.*

recebemos as seguintes

**GLOSAS:**

Quem procura sempre acha  
Aquilo que lhe é preciso...  
Procurei só ver o riso,  
*Neste jornal, a laracha*  
Que aperta como tarracha,  
Pois com tôda a gente chucha  
Esta Maria Cachucha,  
Que é afinal MARIA RITA!...  
Quando mete alguém na fita,  
*E' sempre coisa de estucha!*...

**Alfredo Cunha (RASA).**

Se queres piada d'escacha,  
MARIA RITA hás-de ler;  
Pois predomina a valer  
*Neste jornal, a laracha!*  
Até a Dona Alice Miscacha,  
Que é uma filha da bruxa  
Que mora ao pé da Cachucha,  
Diz a todos no Brasil:  
Este jornal tão varil  
*E' sempre coisa de estucha!*

(Aveiro).

**OLEGNA.**

Há caras cheias de graixa,  
Olhos negros do carvão  
E lábios com vermelhão...  
*Neste jornal, a laracha.*  
Não espanta quem lá s'acha  
E, quem à moda não puxa  
E julgue que nos embucha,  
Pode crer, sem hesitação,  
Que a nossa apreciação  
*E' sempre coisa de estucha.*

(Coimbra).

**NÉ.**

Ou d'estalo ou d'escacha,  
A festa à MARIA RITA:  
Vai ser por fim uma fita  
*Neste jornal, a laracha,*  
Coitada, já nem s'agacha,  
Mas é uma boa bucha  
Tôda ela mui gorducha;  
E quando a leio, repito,  
E' melhor qu'ô «Pírolito»:  
*E' sempre coisa de estucha!*

**Rei sem trono.**

Tem como no Rei da Graixa  
O valor e distinção  
E' na minha opinião  
*Neste jornal, a laracha*  
Uma coisa que se acha  
Salva-o a Dona Gorducha  
Que sua graça até puxa  
P'ra melhor disposição  
De Santo Tirso um verdão  
*E' sempre coisa de estucha.*

**LIZÉ.**

Esta gente das gazetas,  
Gosta muito de dar graixa,  
Provocando só com tretas  
*Neste jornal, a laracha.*  
Fazem artigos d'escacha  
Para nos meter a bucha,  
E desenham uma bruxa  
Chamada MARIA RITA,  
Que tendo um lenço de chita  
*E' sempre coisa de estucha!*

**Zé do NORTE.**

Há quem chame uma bolacha  
A um trolho bem pespegado  
Nas vendas dum desgraçado.  
*Neste jornal, a laracha*  
E' muitas vezes de escacha,  
Pois se há um que menos puxa  
Vem outro que desembucha,  
Sendo tal a confusão  
Que quem leve um bofetão  
*E' sempre coisa de estucha.*

**MÁRIO.**

Arreganhas logo a tacha  
Se MARI-RITA comprares  
Onde o riso anda nos ares  
Neste jornal de laracha.  
Tem: a gracia da muchacha,  
Que por vezes nos embucha.  
Embora criança, não chucha  
Faz-nos rir mesmo a valer  
Sua graça, podes crer,  
*E' sempre coisa de estucha.*

**KIKA.**

E mais as seguintes glosas do mote anterior:

Disse a Zulmira Miranda  
Com as faces amarelas  
Depois das arranhadelas:  
*Quem quer, vai; quem não quer, manda.*  
Este mundo anda e desanda  
E é fatal a escamação.  
Quando alguma confusão  
Irrita... peitos rivais.  
Mas quem teme casos tais?  
*Quem tem medo, compra um cão.*

**Zé da SÉ.**

Deu-me grande sarabanda  
Por mau serviços que fiz,  
O patrão, que, por fim, diz,  
*Quem quer, vai; quem não quer, manda.*  
Não fiquei de cara à banda  
Por causa dessa função;  
Tive sempre a presunção  
De nunca *ligar nenhuma*  
A tais casos; porque a suma  
*Quem tem medo, compra um cão.*

**TITO.**

O' sorte negra, execranda,  
Que me tiras o sossêgo!  
Bem me dizia o Borrego:  
*Quem quer, vai; quem não quer, manda.*  
Quis namorar à varanda  
Por prudente precaução,  
Mas foi tudo, tudo em vão!  
Não mantive o equilíbrio...  
Tudo no mundo é ludíbrio...  
*Quem tem medo, compra um cão.*

**ZÉFINHA.**

Continua o mote:

*Neste jornal, a laracha,  
E' sempre coisa de estucha.*



O Zé—Mais vale uma MARIA RITA na mão do que um escudo no bôlsa

**Quem é?**

Quando nasceu, um portento de carne, alegria e graça — disse alguém: — “Que nascimento e que armazém de chalaça!

Ao vê-lo, tem-se a impressão dum mobiliário completo... E, não sei porque razão, mesmo sem avô, é neto...

**ZARATRUSTA.**

**Anexim**

A' Rosa afirma o Beiriz: — “Você é deselegante, tem um enorme nariz e, segundo o que se diz, além de feia, irritante!”

— “Não ponha mais no postal!” diz a Rosa, num olhar incendiário e fatal. “Você de mim diz tão mal...”

**MICAELA.**

Decifrações do número anterior: — *Quem é?*: Dr. Bernardino Machado — *Anexim*: Quem cabritos vende e cabras não tem, dalgures lhe vem. *Decifradores*: — Brancuras, Cardial Mira, Rei dos Borlistas, Kika, Conde da Palmeira, Maririta, Rei do Milho, Chico dos Figos, Conquistador, Zeca Gancho, Rei do Jazz.

**CANTIGAS PARA O SANTO ANTONIO  
 O DE PÁDUA E O DE LISBOA**

O Sant'António de Pádua, P'ra agradar e dar na vista, Trocou o burel de monge Pela camisa fascista.

Mas o menino Jesus, No seu livro bem sentado, Ao ver o gesto do frade Ficou algo atrapalhado.

Saltou abaixo do livro, Esgueirou-se a sete pés, Foi indagar em Espanha. A treta dos *soviets*.

Chegou lá, viu o Azaña Viu também o Romanones Comeu “tortilha” e “paella” Com bons pimentos “morrones”.

Depois procurou o Rada P'ra bom caminho o levar, Veio a polícia d'assalto E Jesus pôs-se a cavar.

Sant'António de Lisboa Ao ver tal piscou um olho, Pelo sim e pelo não Foi pondo as barbas de mólho.

**FERVIDO.**

**Os três defeitos do Torcato**

O meu amigo Torcato (eu devia escrever Torquato com “q” para respeitar a sua memória) era uma criatura bizarra, nascida na ilha do Faial, e com três facêtas curiosas que lhe deram personalidade e inimigos: Embirrava com a ortografia moderna, entregando-se às bebidas e abusava horrivelmente dos trocadilhos e dos calemburgos, tornando-se insuportável com a mania de a propósito de tudo e de nada, sair-se sempre com forçados trocadilhos ou disparatados calemburgos, que causavam a arrelia e o desespero das pessoas que com êle conversavam.

\*  
 \* \*

Veio a reforma ortográfica e o Torcato continuou com os “pês” e os “agás” nas farmácias e nos fósforos, com os “ésses” no açúcar e com o “q” no seu nome, dizendo que escrever Torcato com “ca” era assim a modos como cortarem-lhe qualquer coisa do seu “eu” que lhe fazia muita falta.

Objectavam-lhe os amigos: — “Mas tu és parvo! Se tivesses de fazer exame do primeiro grau, ficavas reprovado”. — “Deixá-lo! — teimava o caturra. — O nome que me puseram na pia foi o de Torquato. Eu não tenho nada com as modas novas! Para poder falar assim, fui à igreja e pedi ao abade para me mostrar o assento. Lá estava o “q” muito escarrapachado no meio do Torquato. Porisso, meus amigos, deem-lhe as voltas que quiserem, mas hei de ser Torquato com “q” até morrer!”

E nunca houve maneira de o vencerem do contrário.

\*  
 \* \*

Passemos em claro o segundo defeito do Torcato, o gôsto pela pinga, defeito que possuem muitas pessoas de qualidade.

Vamos ao dos trocadilhos.

Uma noite, no Club que o Torcato freqüentava, discutia-se qual era a cidade espanhola que mais granito empregava nos seus edifícios, a que gastava mais tijolos, a que fabricava mais cimento, etc.

O Torcato pediu licença para meter a colherada.

— “Pois sim, — diz-lhe um amigo, — mas com a condição de não vires com os teus insuportáveis calemburgos.”

— “Aceito. Essa mania já me passou há muito”. E sorridente, entrando na matéria: — “Onde há mais granito é em Madrid, cimento em Barcelona, tijolos em Toledo e *cal em Burgos*”.

Os amigos romperam em impropérios. Irra! Era demais! E o Torcato, desculpendo-se: — “O’ meninos, palavra de honra, êste agora foi sem querer”.

\*  
 \* \*

O Torcato a-pesar-dos seus três defeitos incorrigíveis, morreu como qualquer pessoa que não tivesse defeito nenhum.

Ao sentir transpor os umbrais da eternidade, meteu-se na caminheta que faz serviço para além-túmulo (dantes era para o Além... tejo) e foi dar consigo às portas do Céu.

S. Pedro que já o conhecia de ginjeira, recebeu-o de pé atrás e a brincar com o molho das chaves.

— “Senhor S. Pedro, — começou o recém-chegado, — eu sou o Torquato com “q”...”

— “Bem sei. E's da ilha do Faial...”

— “Perdão. Sou da ilha do Córvo.”

— “Mau, mau! — disse o santo. —

Então tu não contente com os trocadilhos, ainda vens para cá com troca d'ilhas? Bem. Adiante. O que queres?”

— “Venho cheinho de sede e queria tomar qualquer coisa. Um vermouth, uma cerveja, um cocktail... No Paraíso deve haver “Bars” onde se possa beber com santidade.”

— Estás enganado. Aqui não há nenhum bar santo, meu tolo...”

E o Torcato, não podendo fugir à sua sina, atalhou logo:

— “O senhor S. Pedro, desculpe.

Mas se no céu não há nenhum *bar santo meu tolo*, há, com certeza um *São Bar tolo... meu*, o que vem a dar na mesma.

O S. Pedro atirou-lhe com o molho das chaves. Foi a primeira vez que elas serviram para abrir... uma cabeça.

**LEIDOAR.**





## Da mulher, do amor e de alguns homens

(Pensamentos corrosivos, mas que não teem nada de sublimados).

Há quem case para poder montar casa. Mobílias, trem de cozinha, e entre os pertences indispensáveis... a mulher.

Se os olhos são as janelas da alma, onde fica o saguão?

Quando uma mulher soltar a almejada frase: Pertence-te! não tentes saber por quanto te fica esse direito de propriedade. Cairias com uma congestão.

As paredes teem ouvidos. Aquelas que muito ouvem, transformam-se em paredes mestras.

Se o socialismo é repartir-se igualmente aquilo que se tem, querem maior socialismo que o casamento?

Para mim, as tão caluniadas sogras só teem uma qualidade má: o terem dado à luz as nossas mulheres.

A mulher, por cada guisado que arranja ao marido, faz-lhe dez desaguisados.

Adoro uma mulher de bom coração, quando este se apresenta revestido dum bom envólucro.

Há mulheres que são como as amêndoas de licor. Por fora, brilhantes, coloridas, doces. Por dentro, picantes e enjoativas.

Quanta sabedoria mostram as parteiras quando, nascido o bebê, dizem: E' a cara do pai pintado! e não, como devia ser: E' a cara do marido da senhora!

Quantas pessoas casam por um palpite igual àquele com que arriscam umas coroas ao jôgo! E' por isso que muitas vezes esse palpite lhes sai... furado.

Há mulheres cujo encontro é mais perigoso que o de um salteador da Calábria. Este limita-se a exigir-nos a bôlsa ou a vida. A mulher levamos as duas e muitas vezes, com ela, a honra.

Há meninas casadoiras que são motes bem difíceis de glosar. Quantos, para fazê-lo, precisam de ir buscar rimas à pornografia.

Nunca ponhas a carteira do lado esquerdo. Há mulheres que a confundem tanto com o coração...

Dr. KNOX.

## As nossas grandes reportagens

Entrevistando o engenheiro polaco Dunikowski, o alquimista  
::: do ouro. Como o século XX costuma fazer o vil metal :::

O nosso enviado especial, a quem, depois de entregarmos um cheque de dez mil libras, mandamos viajar pela Europa a colher todos os informes que possam interessar o milhão e meio dos nossos leitores, manda-nos de Paris a entrevista que abaixo publicamos e que, pela sua actualidade (há lá nada mais actual que a rica masinha da nossa alma) merece as honras dum lugar à parte.

Ela aí vai, tal como a recebemos:

Paris, tantos de tal, às tantas. — Entrevistei hoje aquele célebre engenheiro Dunikowski, que se encontra preso e que não sairá da cadeia enquanto não consiga, como a célebre galinha dos ovos de ouro, pôr cá para fora algumas pepitas do precioso metal.

Como sabem, encontra-se ele na Santé, uma casa que, o nome o está a dizer, serve para tratar da saúde a muitas pessoas que para lá vão internadas.

Dunikowski recebeu-me meio desconfiado (naturalmente pensava que eu lhe ia pedir algum dinheiro emprestado) mas quando lhe expus o motivo da minha visita, sorriu-se e mandou-me sentar.

Sem mais, atirei-lhe logo à cabeça: — Pode-me dizer, senhor russo (tem graça que êle é um russo até bastante moreno, como aliás acontece com o nosso amigo Carlos Moreno Russo), como é que consegue fazer o seu ouro?

— Como o consigo fazer? — e riu-se perdidamente. E és tu, um português da terra onde o ouro abunda por tôda a parte, uma terra que tem a rua do ouro, o chave de ouro, o âncora de ouro, o leão de ouro, o águia de ouro...

— O Furadouro, atalhei eu.

— Os meninos de ouro, continuou êle, e és tu que me vens perguntar como eu o fabrico?

— Sim, gostaria de o saber, disse-lhe numa voz muito docinha.

— Então ouve!

E começou:

### Maneiras de fazer ouro

— Há várias maneiras de fazer ouro; indo buscar ao seio da terra, o que dá muito trabalho, ou então tratando de o surripiar a quem o tem, o que é mais fácil.

Vês a minha célebre máquina? Julgas que ela serve para a fabricação material do lindo metal? Como te enganas! A função dela é convencer os papalvos para que depois caiam

com os seus capitais em grandes sociedades futuras. O que se pretende apenas é que, no fim da operação química, apareça nas cinzas uma partícula de ouro.

A primeira vez que fui preso e tive que apresentar trabalho feito, valeu-me um botão de colarinho que pus a derreter dentro do fornilho. Depois, aqui em Paris, salvou-me da primeira rascada êste dente que vês faltar aqui e que era de ouro e que lá se foi também a derreter no cadinho. E agora... E agora és tu que me vais salvar, emprestando-me um Luis...

(Cá para mim, pensei: se não vires outro...) Ele continuou:

— Neste mundo, anda tudo a fazer ouro. Que fazem os governos com os seus empréstimos senão ouro?

E ao ouvido, segredou-me: — E sabes? Há hoje uma máquina apuradíssima para a fabricação desse metal, uma máquina de resultados seguros.

— Qual é? perguntei, de olhos arregalados.

— E' o accionista, meu velho! Umhas centenas de acções que se imitem e a burra enche-se num instante. E' essa a verdadeira alquimia do século vinte.

Concordei, assombrado. Ao despedir-me, êle repetiu:

— Então? E o Luis?

— O Luis está bom, muito obrigado, apenas um pouco constipado.

Dr. KNOX.

## Álvaro Canelas

Canelas pintor, veio até nós fazer uma exposição de seus trabalhos. Abriu-a ali no Stand Opel, à Rua Sá da Bandeira, onde o público ávido de assuntos, a tem visitado.

Uns dizem que Canelas é um pintor inacreditável, de subjectivismos vagos e



incompreensíveis. Outros que não, que assim mesmo é que é.

Para nós,—sem chapéu, o ar hercúleo de atleta de circo, bem salientes os músculos, Canelas é um tipo muito curioso do século XX.

Não cabendo na índole deste jornal uma crítica com cabeça, tronco e membros, limitamo-nos a registar a passagem de Canelas pelo Pôrto, estampando-lhe a vera efige, colhida à lá minute pelo nosso repórter fotográfico.

# PEÇAS E

DE  
7/12/34



## PROGRAMA DA SEMANA

O que está e o que já não está—Fitas para todos os paladares

### SÁ DA BANDEIRA

Semana de calmaria.  
Ribalta tóda apagada.  
Uma noite, *Reisaria*,  
E outra com *Reiseirada*.  
Agora um imitador,  
—os originais não vem—.  
E um prestidigitador  
que traz segrêdos do Além.  
Até um parvo pareço,  
quando o vejo trabalhar,  
e a nossa alminha ajoelha!  
Vira a Natura do avêso,  
capaz de escamotear  
o próprio Arco da Velha!



### RIVOLI

Do «Rivoli», foi-se já  
a Stiquini e o Macedo.  
Temporada menos má.  
—O que é bom, acaba cedo!—  
Mas já uns cartazes vejo  
que veem matar o desejo  
dos que música pretendem,  
e adoram a arte púdica!  
—Os leitores bem m'entendem:  
Isto agora, só por música!



### ÁGUIA D'OURO

O «Águia d'Ouro», é capaz  
de nos fazer uma figa,  
e de nos mandar em paz.  
Enche a casa c'um *Rapaz*...  
...E' *Rapaz ou Rapariga?*  
Vão ver!—«Film» encantador,  
representado a primor  
por um elenco de truz.  
Um cómico de primeira  
e uma jovem—ai Jesus!—  
que nos põe a mioleira  
em estado comatoso!  
...Viemos de lá baboso!



### OLÍMPIA

No «Olímpia», que aflição!  
O *Atlantic!* Que tragédia!  
Até corta o coração  
ver aquilo!—E' uma média  
de vinte-e-três comoções  
das cerebrais por minuto!  
Gritos, uivos, vagalhões,  
o mar cada vez mais bruto

### CARTAZ DE HOJE

*Sá da Bandeira*: Variedades.  
*Águia d'Ouro*: O interessantíssimo  
film *Rapaz ou Rapariga?*  
*Olímpia*: O film sensacional *Atlantic*.  
*Trindade*: A comédia musicada *Es-  
corregar não é cair*.  
*Batalha*: O film de grande êxito  
*Traição*.

a q'rer engulir pessoas  
como se fôssem pastéis!  
Leitor: A fita é das boas.  
Ide vê-la e dir-me-eis...



### TRINDADE

No «Trindade»—ai que fitão!—  
dizem que **Escorregar  
não é cair**.— Isso não.  
Tenho ouvido *alumi*  
muitas vezes a meu pai  
que quem escorrega, cai.  
A fita é encantadora!  
Ontem lá uma senhora  
que ao meu lado ficou,  
tanto riu, que até chorou!  
Devem ir lá sem demora  
antes que se vá embora...



### BATALHA

Que tragédia! Que emoção!  
Já foram ver a **Traição?**  
Sente-se o coração  
do tamanho dum feijão  
no «film» de sensação  
que no cartaz é **Traição!**



# SEMANA DO LIVRO

Inaugurada hoje na Praça da Liberdade.

Nos

## STANDS REUNIDOS MARIA RITA

Grande humorístico semanal  
e da

## CIVILIZAÇÃO

Grande magazine mensal

Encontrarão VV. Ex.<sup>as</sup> todos os livros que lá estiverem  
à venda

DESCONTOS • PRÊMIOS • CONCURSOS

Um verdadeiro pau por um olho

Três aparelhos de barulho a sortear pelos compradores de livros deste Stand: Um aparelho de T. S. F. e uma Radiola R C A-5 que a casa especializada

## RADIO PORTO

nos ofereceu para esse fim e um magnífico Gramofone com doze discos por usar com que a célebre casa de

## RICARDO LEMOS

presenteou a MARIA RITA.

VISITEM OS STANDS REUNIDOS